

E00979

DID

1980

FL-PP-E00979

DE PESQUISA AGROPECUÁRIA

Cultura



**MANUAL
PARA ORGANIZAÇÃO
DO ACERVO CARTOGRÁFICO
DA EMBRAPA**

Manual para organização do ...
1980 FL-PP-E00979

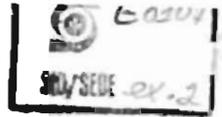
Brasília, 1980



AI-SEDE-9308-1



EMBRAPA
EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA
Vinculada ao Ministério da Agricultura



MANUAL PARA ORGANIZAÇÃO DO ACERVO CARTOGRÁFICO DA EMBRAPA

Anna de Souza Ayres Lopes

Departamento de Informação e Documentação
Brasília, DF
maio de 1980

Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. Departamento de Informação e Documentação, Brasília, DF.

Manual para organização do acervo cartográfico da EMBRAPA, por Anna de Souza Ayres Lopes, Brasília, 1980.

34 p.

1. Mapotecas-Organização-Manuais. 2. Fototecas-Organização-Manuais. I. Lopes, Anna de Souza Ayres, colab. II. Título.

CDD: 025.176.

SUMÁRIO

	pág.
1. INTRODUÇÃO	5
2. OBJETIVOS	8
3. EXECUÇÃO DOS SERVIÇOS	3
4. PROCESSAMENTO TÉCNICO DO MATERIAL CARTOGRÁFICO	11
5. CATÁLOGOS	17
6. ARMAZENAMENTO	21
7. FINANÇAS	22
8. FLOW DE PROCESSAMENTO PARA MAPAS	22
9. ANEXOS	23
9.1. Anexo 1: Atlas e Globos	22
10. ANEXO 2: FOTOÍNDICE	25
11. FOTOGRAFIAS AÉREAS	28
12. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	34

1. INTRODUÇÃO

“Na organização de u'a mapoteca, a análise detalhada da documentação cartográfica é fator preponderante, devendo-se realizar com método este tipo de trabalho, para que dados como: tema enfocado, escala adotada, tipo de suporte no qual se encontra o mapa, projeção utilizada, informes principais existentes na máscara, e muitos outros, não sejam esquecidos ou relegados a um plano secundário” (Boeckel, E.O. 1979).

O critério de organização ora adotado é baseado no da Carta Internacional do Mundo ao Milionésimo-CIM -, proposto pela Convenção de Londres em 1909, ratificado pela Diretoria do Serviço Geográfico em seu Manual de Normas Gerais, com a alteração prescrita na edição de 1973. A figura anexa (fig. 1), “esquema de articulação”, mostra o esquema de divisão de folhas dentro do critério da Carta Internacional desde a escala 1:1.000.000 até a escala de 1:500.

“A quadrícula básica corresponderá à da Carta Internacional ao Milionésimo com 4° de latitude por 6° de longitude, tendo os mesmos meridianos centrais do Sistema UTM.

A carta de escala 1:500.000 resulta da divisão da quadrícula básica em 4 quadrículas de 2° x 3°. A carta de escala 1:250.000 equivale à divisão da anterior em 4 quadrículas de 1° x 1,5°.

A carta de escala 1:100.000 corresponde à divisão da anterior em 6 quadrículas de 30' x 30'.

A carta de escala 1:50.000 resulta da divisão da anterior em 4 quadrículas de 15' x 15'.

A carta de escala 1:25.000 resulta da divisão da anterior em 4 quadrículas de 7,5' x 7,5'.

Até aqui, seguem as Normas de Cartografia Sistemática, expedidas pela Diretoria do Serviço Geográfico, segundo determinado pelo Decreto-Lei nº 243, de 28 de fevereiro de 1967. Para a esquematização nas escalas maiores, levar-se-á em conta o critério proposto por Fernando Rodrigues de Carvalho, que de mais perto segue a lógica da esquematização adotada na Cartografia Sistemática e que atenderá à Cartografia Regional Urbana. A quadrícula de 30' x 30' dividida em 25 quadrículas de 6' x 6' dá origem à carta de 1:20.000, cujas folhas são numeradas consecutivamente da esquerda para a direita e de cima para baixo.

Cada quadrícula de 6' x 6' se desmembrará em 4 quadrículas de 3' x 3' correspondentes à folha de 1:10.000, a qual, desmembrada em 4 outras quadrículas de 1,5' x 1,5', dará a folha de 1:5.000.

Para a esquematização da folha de escala 1:2.000, a quadrícula de 3' x 3' ou seja 180" x 180" se desmembrará em 25 folhas de 36" x 36", numeradas consecutivamente da esquerda para a direita e de cima para baixo.

Cada quadrícula de 36" x 36" se desmembrará em 4 de 18" x 18" correspondendo à folha de 1:1.000, a qual, desmembrada em 4 quadrículas de 9" x 9", dará a folha de 1:500". (Carvalho 1974) Ex.: Esquema de articulação (fig. 1).

A grande vantagem deste sistema é a normalização da codificação cartográfica nacional desde a escala de 1:1.000.000 até 1:500, visando à uniformização do sistema de informação cartográfica.

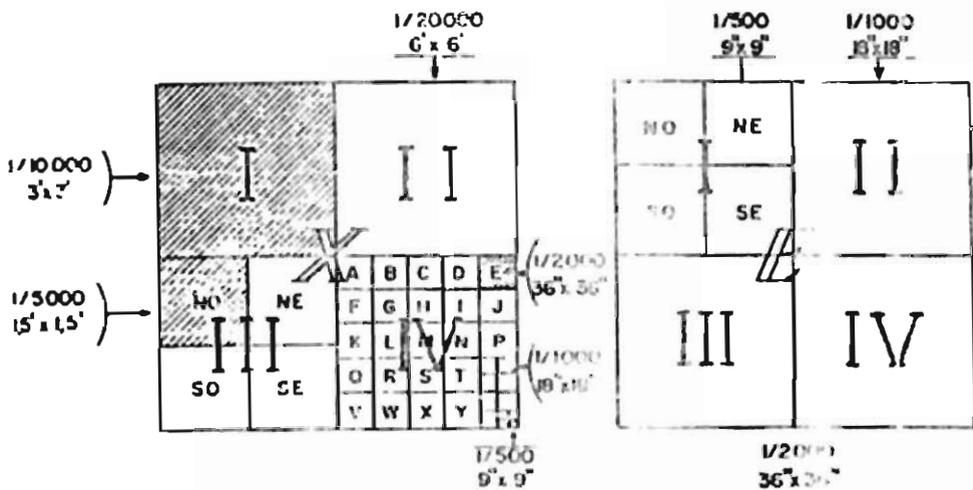
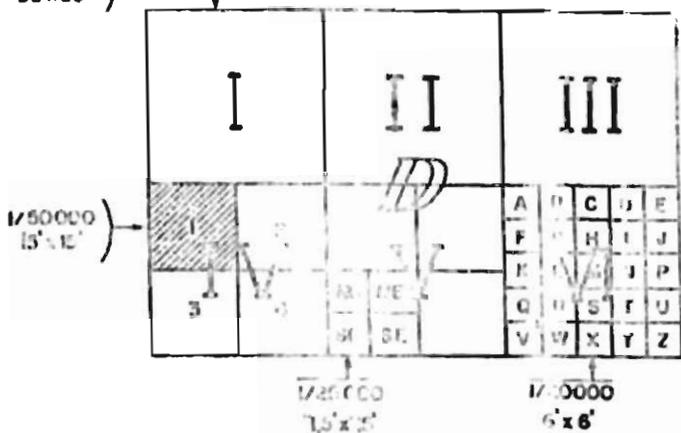
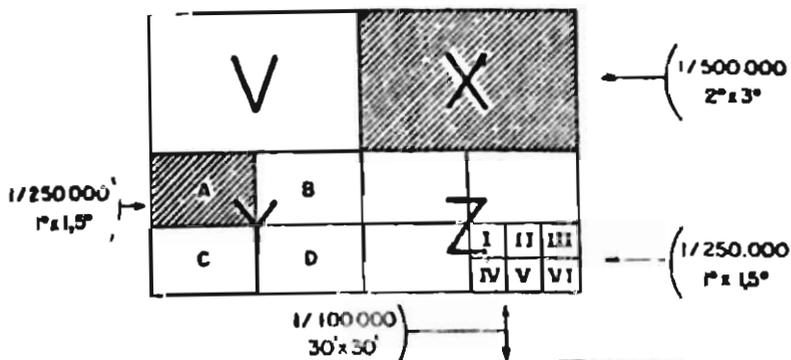
A classificação adotada é internacionalmente conhecida, recomendada inclusive pela Convenção de Londres. Está em uso em vários centros de Cartografia; foi exposta no 8º Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentos pela Companhia Brasileira de Pesquisas e Recursos Minerais - CPRM -, para mapas temáticos, que, além de se utilizar do código da Carta Internacional ao Milionésimo para as escalas de 1:1.000.000 e 1:500.000, adota também o número CPRM para as escalas de 1:250.000 e o número da Diretoria do Serviço Geográfico/Centro de Operações Cartográficas - DSG/COC - para as escalas de 1:100.000, 1:50.000 e 1:25.000, no 3º Congresso Brasileiro de Arquivologia, aplicada a fotografias e foto-índices (Fototecas); no 4º Congresso Brasileiro de Arquivologia, aplicada a Mapas Temáticos. Esta classificação é conhecida no meio cartográfico como CIM/COC/CPRM.

No que diz respeito à Catalogação, este manual segue as normas do Código de Catalogação Anglo-Americano (com modificações).

Solicitamos aos bibliotecários dos SIDs a gentileza de nos enviarem sugestões, críticas, etc., a esse trabalho.

Agradecemos à bibliotecária Denise Obino Boechel da Comissão de Cartografia - COCAR, do IBGE, a colaboração dada, que muito nos orientou na execução do referido manual; à bibliotecária Maria Dias Bicalho - Chefe da Área de Catalogação do DID/EMBRAPA, que nos forneceu material bibliográfico sobre cartografia.

1/1000 000 - 4° x 6°



2. OBJETIVOS

- 2.1. Sistematizar a documentação cartográfica no âmbito da EMBRAPA, visando estabelecer e/ou intensificar o fluxo das informações especializadas atualizadas, colocando-as à disposição dos seus usuários.
- 2.2. Promover a recuperação, a disseminação e a perfeita utilização do acervo, permitindo o acesso eficaz a essa informação.
- 2.3. Promover o intercâmbio com as Empresas mantenedoras do serviço em âmbito internacional, nacional e regional.

3 EXECUÇÃO DOS SERVIÇOS

- 3.1. Levantamento do material cartográfico
- 3.2. Separar os atlas, globos, mapas-índices, plantas e desenhos.

NOTA: Os mapas índices devem ser sempre atualizados.

- 3.3. Separar os mapeamentos de acordo com o tipo de base:

a. Impressos { em cores
em preto e branco
cópia heliográfica em papel } { em traço azul
em traço preto (copiativo)

b. copiativos { poliéster
cronaflex
diapositivos } { placa de vidro
diafilme e outros

c. negativos

NOTA: Os negativos devem ser guardados em envelopes pardos, contendo etiqueta, com a classificação conferindo com a do conteúdo e arquivados em mapotecas verticais de aço, cuja capacidade varia de 350 a 450 mapas. (Colocar sílica gel em sacos de morim nas mapotecas).

3.4. Separar os mapas sistemáticos dos temáticos.

3.5. Separar os mapas sistemáticos por escala, dentro da base em ordem crescente. Ex.: 1:1.000.000

1: 500.000

1: 250.000

1: 100.000

1: 50.000

1: 25.000

3.5.1. Classificar os mapas sistemáticos.

3.5.2. Catalogar os mapas sistemáticos.

3.5.3. Arquivar os mapas sistemáticos.

3.6. Separar os mapas temáticos por temas:

geológicos, geofísicos, gravimétricos, fotogeológicos, tectônicos, meteorológicos, rodoviários, pedológicos, políticos, populacionais, aerogeológicos, aeromagnetométricos, de interpretação de dados magnéticos e/ou radiométricos, de intensidade magnética total, litológicos, magnetométricos, mapas integrados, mapas anexos em boletins, mapas de isogamas, mapas de radiação gama, mapas de perfis gamaespectrométricos, perfis radiométricos rebatidos de Urânio e Tório, de planimetria geológica, e outros.

3.7. Separar os mapas temáticos por base. Ex.: cronoflex, impressos, etc.

NOTA: Existem ainda os mapas periódicos mensais e às vezes diários, destinados a observações meteorológicas, climatológicas, pluviométricas etc., e que podem ser guardados em pastas ou caixas (graças a seu tamanho).

3.8. Classificar os mapas temáticos.

3.8.1. Catalogar os mapas temáticos.

3.8.2. Arquivar os mapas temáticos.

NOTA: Nos casos de mapas de projetos, separar por projetos, dentro do mesmo, por tipos de mapeamentos e escalas: (geralmente os mapas resultantes de convênios, projetos etc. se apresentam em material copiativo; excepcionalmente, são impressos).

3.9. Levantamento das obras aerofotográficas.

3.9.1. Fotografias aéreas

3.9.2. Foto-índices

3.9.3. Foto-mosaicos

3.9.4. Mosaicos de radar

3.9.5. Imagens de satélite

3.9.6. Strips (tiras) de radar etc.

4. PROCESSAMENTO TÉCNICO DO MATERIAL CARTOGRÁFICO

4.1. Tombamento

Todo material cartográfico poderá ser tombado de acordo com o critério adotado para material bibliográfico, isto é, deve ser registrado em fichas, com carimbo de aquisição no verso desta ficha.

EMBRAPA/DID	
Valor Aquisição Cr\$
Data Aquisição
Nº N. Fiscal Fatura
Fornecedor
Nº Ordem Compra
Origem
Nº de Tombo

NOTA: Observar o preço dos mapas nacionais, dos mapas estrangeiros, dos mosaicos e das fotografias. No caso de doação, anotar o preço simbólico, e no de compra, o preço real.

4.1.1. Carimbagem

Carimbar todo material que pertence à Mapoteca com carimbo de aquisição no verso da máscara.

4.2. Catalogação

As informações necessárias à catalogação de mapas encontram-se dispostas nos mesmos, que em sua totalidade são considerados como folha de rosto (máscara). Os mapas deverão ser catalogados de acordo com adaptações feitas às normas do Código de Catalogação Anglo-Americano.

As entradas principais para Entidades Coletivas devem obedecer à "Lista para Normalização de Entradas de Entidades Coletivas" - da EMBRAPA.

4.2.1. Ordem dos elementos na ficha:

4.2.2. Entrada

A entrada geralmente é feita pelo nome da entidade ou pessoa explicitamente indicadas como responsáveis principais pelo conteúdo cartográfico.

4.2.3. Autor

Entidade ou pessoa responsável pela confecção do mapa. Ex.: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

No caso de pessoa física, entrar pelo nome da pessoa. Em alguns casos os mapas chegam a trazer três ou mais autores físicos. Quando isso ocorrer, entrar pelo primeiro e fazer secundária para os demais.

4.2.4. Título

Nome ou codificação do mapa pode aparecer em qualquer parte da máscara; às vezes o título é formado da codificação CIM mais a nomenclatura do Índice de Topônimos da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Ex.: SF.23-Y-D-III.2; Lagoinha. No caso de vários títulos, optar pelo que for de maior interesse para a Empresa ou Centro.

4.2.5. Edição

Sempre que houver, anotar a edição. Ex.: 2. ed.

4.2.6. Tradutor ou compilador

Ex.: Trad. por e comp. por

4.2.7. Local de publicação

Local onde se encontra a editora. Ex.: CPRM-Rio de Janeiro

4.2.8. Editor/executor

Entidade ou pessoa responsável pela edição/execução do mapa. Deverá ser transcrito tal qual aparece no mapa, dando-se preferência às siglas. Ex.: PROSPEC; LASA.

NOTA: Quando houver mais de um editor, ou em caso de convênios, citar as empresas que compõem o convênio. Ex.: CPRM/PROSPEC/LASA; DNPM/CPRM.

4.2.9. Data de publicação

Ano em que foi publicado o mapa. Ex.: 1973.

NOTA: a) em casos de não constar a data da edição, indicar a data da restituição;

b) as datas indicadas em algarismos romanos não transpostas em arábico.

4.2.10. Notas bibliográficas ou colação

Diferem das do livro, devendo indicar:

4.2.10.1. O número de folhas, quando se tratar de uma coleção, ou projeto, etc. Ex.: 2f.; 20 f. etc.

4.2.10.2. O material em que foi impresso o mapa. Ex.: mapa cronoflex, poliéster, etc.

4.2.11. Nota de série

A nota de série deve figurar logo após as notas bibliográficas.

NOTA: Em caso de mapas de projeto, os nomes dos projetos entram como nota de série. Ex.: Projeto Araguaia. Citar: (Araguaia, Projeto).

4.2.12. Notas específicas

4.2.12.1. Escala

A escala deve ser sempre citada, pois ela indica a relação que existe entre a distância no mapa e sua correspondente na superfície da terra.

4.2.12.2. O sistema de projeção adotado. Ex.: UTM; GAUSS, etc.

NOTA: A partir de 1955, a DSG adota o sistema de projeção UTM (Universal Transverse Mercator) recomendado nas convenções internacionais para as cartas topográficas.

4.2.12.3. As coordenadas facilitam a localização do mapa. Ex.:

45°00'W, 45°15'W;
23°00'S, 25°15'S.

OBS.: Este dado permite a conferência pelo M.I. da codificação CIM, e CIM/COC/CPRM.

NOTA: Quando os mapas não forem sistemáticos, anotar as coordenadas de enquadramento da área (coordenadas aproximadas).

4.2.13. Notas de conteúdo

Indicar o conteúdo do mapa. Ex.: Inclui: topografia, planimetria, perfis rebatidos de Urânio e Tório; Potássio, etc. Localização e articulação da folha convenções geológicas, etc.

NOTA: Os símbolos químicos minerais deverão ser escritos por extenso:

Ex.: U - Urânio
K - Potássio
Th - Tório
UTh - Urânio e Tório
Th/K - Tório e Potássio

4.2.14. Pista

As entradas secundárias deverão reproduzir as informações contidas no corpo da ficha. Deverão ser feitas secundárias para:

4.2.14.1. Área geográfica, seguida da unidade da federação, mais o tema do mapa. Ex.: Lagoinha-São Paulo-Mapa topográfico.

4.2.14.2. Unidade da federação, mais o tema do mapa. Ex.: São Paulo - Mapa topográfico.

4.2.14.3. Título: que às vezes é formado da codificação CIM, mais a nomenclatura do índice de Topônimos da Fundação IBGE, anotar como aparece. Ex.: SC.21-Y-III. 1; Paracatu.

4.2.14.4. Série. Ex.: (Araguaia, Projeto).

NOTA: Quando um projeto abranger dois ou mais estados, fazer desdobramento para cada folha, apenas para o estado abrangido. Ex.: Projeto Ribeira

do Iguape - Paraná/São Paulo. A folha Cerro Azul está no Estado do Paraná. Então desdobrar:

1. Cerro Azul-Paraná-Mapa topográfico

2. Paraná-Mapa topográfico.

I. Título.

NOTA: No caso das regiões administrativas (várias cidades fazendo parte da mesma folha), apenas o nome da cidade maior é citado. Fazer remissiva para as demais.

Ex.: 1

1710.3 Brasil. Ministério das Minas e Energia. Departamento Nacional da Produção Mineral.

Folha nº 1727-SO. Rio de Janeiro, PROSPEC, 1957.

Mapa cronaflex 76 x 65 cm (Araguaia, Projeto).

Esc. 1:50.000; Proj. GAUSS; Coord. 48°15'W 48°30'W
10°45'S 11°00'S.

Inclui: Planim. Índice das folhas, legenda.

1. Goiás-Mapa planimétrico. I. Título: SC.22-Z-B-VI./.. II. Série: (Araguaia, Projeto).

SNLCS

2770.2 Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
SF.23-Y-D-III-2; Lagoinha. Rio de Janeiro, 1970.

Mapa imp. color.

Esc. 1:50.000 Proj. UTM; coord. 45°00'W 45°15'W
23°00'S 23°15'S.

Inclui: Planialtim., local e artíc. da folha, div. adm.

1. Lagoinha-São Paulo-Mapa topográfico. 2. São Paulo-
Mapa topográfico. I. Título: SF.23-Y-D-III. II. Lagoinha.

SNLCS

4.3. Classificação

Existem vários tipos de classificação: CDD, CDU, CIM/COC/CPRM, Boggs, etc.

Visando um esquema classificatório moderno e uniforme, os mapas deverão ser classificados pelo sistema de classificação conhecido no meio cartográfico, como: CIM/COC/CPRM.

NOTA: Em casos de mapeamento inferior à escala 1:1.000.000, usar a Classificação Decimal de Dewey (CDD).

NOTA: A Companhia de Pesquisas e Recursos Minerais - CPRM - foi a primeira a adotar o sistema CIM/COC/CPRM.

OBS.: Para casos de mapeamento que estão englobados em áreas fronteiriças, áreas reservadas, respeitando a portaria vigente na época, regulamentada pelo EMFA, deverá ser observado com rigor o grau de sigilo, e os mesmos deverão ser guardados separadamente em móveis especiais. Devem ainda receber um carimbo de "reservado", em vermelho.

4.3.1. Número de chamada

Deverá ser composto:

- a) do número de classificação, mais o número de mapoteca e letra de gaveta, quando se tratar de mapotecas horizontais. Ex.: 458. Re-
7c
tiram-se, do mapa a ser classificado, as coordenadas geográficas, e faz-se a plotagem no Mapa-Índice para se encontrar o número de classificação;

- b) do número de classificação, mais o número da mapoteca antecedido da letra "V", quando se tratar de mapotecas verticais. Ex.:
458
v.8.

4.4. Colagem de tiras

Antes da etiquetagem, fazer a colagem das tiras próprias para mapotecas verticais.

4.5. Etiquetagem

Na etiquetagem dos mapas, deve-se usar duas etiquetas: a primeira, contendo o número de classificação, deverá ser colocada no canto inferior direito do mapa; a segunda, contendo o número de classificação e o tema do mapa, deverá ser colada na tira superior à esquerda. Separando tipos de mapeamento, escala, etc. em mapotecas verticais, usam-se projeções de guias onde são inseridas tiras de inserção com os temas (datilografados) dos mapas.

5. CATÁLOGOS

Tendo em vista a recuperação do material cartográfico, os catálogos podem ser de três tipos:

5.1. Área geográfica

Arquivar por área geográfica em ordem alfabética. Ex.: 1, 2 e 3.

NOTA: a) Quando as áreas geográficas forem idênticas, arquivar em ordem alfabética do tema do mapa.

Ex.: Bahia - mapa de contorno

Bahia - mapa de intensidade.

b) Quando a área geográfica for diferente com o mesmo tema, alfabetar por área.

Ex.: Bom Jardim - Bahia - Mapa topográfico

Bom Jardim - Piauí - Mapa topográfico.

c) Quando a área geográfica e o tema de mais de um mapa forem idênticos, mas de escalas diferentes, arquivar em ordem decrescente do número de classificação.

Ex.: Bahia - Mapas planimétricos - 2684.250

Bahia - Mapas planimétricos - 1888

Bahia - Mapas planimétricos - 1888.1.

Ex.: 1

2825.3 ABAPÃ - Paraná - Mapas topográficos
Brasil. Ministério do Exército. Diretoria do Serviço Geográfico.
SG.22-E-III-3; Abapã. Rio de Janeiro, COC, 1960.
Mapa color.
Esc. 1:50.000. Proj. UTM. Coord. 49°45'S 25°00'S.
Inclui: Planialtim., enquadramento da folha.

1. Abapã-Paraná-Mapa topográfico. 2 Paraná-Mapas topográficos. 1. Título: SG.22-E-III. 3. Abapã.

CPATU

Ex.: 2

284.250 BAHIA-Mapas de contorno preliminar magnetometria.
Brasil. Ministério das Minas e Energia. Departamento Nacional
da Produção Mineral.
SC.24-V-C. Rio de Janeiro/CPRM/PROSPEC, 1978.

Mapa cronaf. 65 x 94 cm. (Serra de Itiúba, Projeto).

Esc. 1:250.000. Proj. UTM. Coord. 40°30'W 42°00'W
9°00'S 10°00'S.

Inclui: Contorno preliminar de magnetometria.

1. Bahia-Mapas de contorno preliminar de magnetometria.
I. Título: SC.24-V-C.

CPATU

Ex.: 3

2088 MINAS GERAIS - Mapas Intensidade magnética total.
Brasil. Ministério das Minas e Energia. Departamento Nacional
de Produção Mineral.

SD.23-Z-A-I. Belo Horizonte, CPRM/PRAKLA, 1973.

Mapa poliester. 70 x 58 cm. (Convênio Geofísico Brasil-
Alemanha, Projeto).

Esc. 1:100.000. Proj. UTM. Coord. 44°30'W 45°00'W
14°00'S 14°30' S.

Inclui: Intens. Mag. Total, Índice e especif. geof.

1. Minas Gerais-Mapas de intensidade magnética total. I. Tí-
tulo: SD.23-Z-A-I.

CPATU

5.2. Títulos

Arquivar em ordem alfa numérica. Ex.:

- 142.250 SB.21-X-A.
Brasil. Ministério das Minas e Energia. Departamento Nacional da Produção Mineral.
SB.21-X-A. Rio de Janeiro/CPRM/LASA, 1976.
- 143.250 SB.21-X-B.
Brasil. Ministério das Minas e Energia. Departamento Nacional da Produção Mineral.
SB.21-X-B. Rio de Janeiro, CPRM/LASA, 1976.
Mapa cronaf. 92 x 74 cm. (Sul do Pará, Projeto).
- 719 SB.21-X-B-II.
Brasil. Ministério das Minas e Energia. Departamento Nacional da Produção Mineral.
SB.21-X-B-II. Rio de Janeiro, CPRM/LASA, 1976.
Mapa. Cronaflex. 74 x 80 cm. (Sul do Pará, Projeto).
- 720 SB.21-X-B-III.
Brasil. Ministério das Minas e Energia. Departamento Nacional da Produção Mineral.
SB.21-X-B-III. Rio de Janeiro, CPRM/LASA, 1976.
Mapa. Cronaflex. 74 x 80 cm. (Sul do Pará, Projeto).
- Esc. 1:100.000. Proj. UTM. Coord. 54°00'W 54°30'W
4°00'S 4°30'S.

788. SB.21-X-B-IV.
Brasil. Ministério das Minas e Energia. Departamento Nacional da Produção Mineral.
SB.21-X-B-IV. Rio de Janeiro, CPRM/LASA, 1976.
Mapa. Cronaflex. 74 x 80 cm. (Sul do Pará, Projeto).
- Esc. 1:100.000. Proj. UTM; Coord. 55°00'W 55°30'W 4°30'S 5°00'S.
- Inclui: Perfis de Urânio e Tório art. e local. da folha, convenções e informações técnicas.

5.3. Autor

Arquivar em ordem alfabética de Entidade responsável.

6. ARMAZENAMENTO

O arquivamento do material cartográfico, dadas as suas características e variedades de formatos, requer vários tipos de arquivos e cuidados especiais. Os arquivos verticais da marca Zornita são os mais modernos e acomodam melhor os mapas, facilitando seu manuseio e reduzindo o espaço em 50%, comportando, em média, de 300 a 350 mapas cada mapoteca.

Os arquivos horizontais, geralmente têm cinco gavetas, podendo haver superposição das seções, com a capacidade de aproximadamente 45 a 50 mapas por gaveta.

As mapotecas horizontais existentes devem ser aproveitadas para a guarda dos mapas impressos, plantas e desenhos de engenharia.

7. ARRANJO

7.1. Mapas temáticos ou de projetos em ordem alfabética.

- Escalas de 1 : 25.000 até 1 : 1.000.000 em ordem decrescente.

NOTA: quanto menor o número da escala, maior a escala e o grau de detalhamento.

- Ordem numérica crescente do número de classificação dentro de cada escala.

OBS.: Quando houver dentro da mesma escala de um projeto, dois ou mais mapas com o mesmo número de classificação, arquivar por ordem alfabética de tema.

Ex.: 1º Geofísico
2º Geologia
3º Geomorfologia
4º Metogenia
5º Raios gama, etc.

7.2. Mapas sistemáticos

Os mapas sistemáticos são arquivados em mapotecas verticais de preferência, e quando em horizontais, acomodados em sacos de plástico seguindo a ordem do número de classificação de acordo com a escala, de preferência de 10 em 10.

8. FLUXO DE PROCESSAMENTO PARA MAPAS

8.1. Pegar o projeto inteiro

8.1.1. Separar por escala

8.1.2. Plotar no mapa-índice para estabelecimento do número de classificação.

8.1.3. Reversão para o CIM e posterior codificação nas folhas.

- 8.1.4. Escrever no canto inferior direito do mapa o número de classificação.
- 8.1.5. Fazer a catalogação.
- 8.1.6. Colar as tiras suspensas.
- 8.1.7. Datilografar o código de classificação e o tipo de mapeamento nas etiquetas e colar nas tiras.
- 8.1.8. Arquivar os mapas.
- 8.1.9. Datilografar as fichas-guias "Kardex" com os temas dos mapas.
- 8.1.10. Inserir as fichas-guias no verso da tampa das mapotecas.

9. ANEXOS

9.1. Anexo I : ATLAS E GLOBOS

Para atlas e globos, tanto a parte de catalogação descritiva como a referente à entrada de autores seguem as normas anteriormente citadas para mapas no item 4.2. (Catalogação).

- 9.2. A colação de um atlas e globo deve indicar esta modalidade de apresentação.
Ex.: globo color. 85 cm de diâmetro; 205 p. de mapas color.
- 9.3. No atlas, a escala deve ser mencionada, se todos os mapas forem de uma só escala, ou até duas. Ex.: ficha de atlas e globo.

Atlas

Encyclopaedia Britannica

Encyclopaedia Britannica world atlas: with physical and political maps, geographical comparisons, a glossary of geographical comparisons, a glossary of geographical terms, political divisions and capitals, a gazetteer index. New York, Hammond, c 1934.

149 p. ilustr. 125 mapas col. em 56 fls.

Os mapas estão baseados na situação mundial de setembro de 1939.

1. Atlas mundial. I. Título.

Globo

Forest, Jean, 1915-

Globo terrestre, por J. Forest. Paris, s.d.

Globo col. 53 cm de diâmetro.

Escala 1:40.000.000

1. Globo terrestre.

9.4. Tombamento

Os atlas deverão ser tombados na página de rosto, como se fossem livros. Adotar o mesmo critério usado para mapas - (item 4.1. - Tombamento).

NOTA: Os atlas pertencentes a enciclopédias ou a outras coleções deverão ficar junto à Coleção na biblioteca. Os globos deverão ser etiquetados de preferência na parte inferior (pé).

9.5. Arquivamento

Os atlas, por seu grande formato, deverão ser guardados separados dos mapas em folhas, em estantes de maior profundidade, podendo ser colocados vertical ou horizontalmente (bancada).

9.6. Pista

As entradas secundárias reproduzem o conteúdo do corpo da ficha. Deverão ser feitas secundárias para área geográfica mais o assunto do atlas. Ex.: São Paulo-Atlas geológico; Brasil-Atlas climatológico.

9.6.1. Assunto. Ex.: Climatologia - Atlas-Brasil.

9.6.2. Área Geográfica. Ex.: São Paulo - Atlas Geológico.

9.6.3. Título. Ex.: Atlas climatológico do Estado de São Paulo.

10 ANEXO 2: FOTOÍNDICE

É a redução fotográfica do conjunto de fotos de escala aproximada que recobrem determinada área, justapostas umas às outras pela zona de superposição. (Área comum de duas fotos).

10.1. Processamento

Separar os fotoíndices por tipo de base.

10.2. Separar a obra da USAF-AST/10 das demais obras.

10.3. Reverter o nº da USAF-AST/10 para a codificação DSG/COC (esc. 1:100.000). Esta reversão é feita com a superposição do mapa da USAF sobre o mapa da DSG na escala de 1:5.000.000.

10.4. Etiquetar, carimbar ou normagrar o nº da DSG no foto-índice, logo abaixo do nº da USAF.

10.5. Catalogação de foto-índices

Difere da catalogação de mapas em alguns aspectos: no foto-índice o nome da obra e a série (que é o código da obra); anota-se a escala do foto-índice e da fotografia. Ex.:

Brasil. SUDENE. Secretaria de Saneamento e Recursos Hídricos. Jatobá-Tucano, Bacia dos Rios. Rio de Janeiro, SACS, 1965/67. Foto-índice impresso.

Esc. Foto-índ. 1:250.000

Esc. Fotog. 1: 70.000 (obra 212-SACS)

Inclui: local e artic. do projeto; índice de fotog.

Câmara Zeiss R.M.K.A. 8.5/23 Dist. Focal 85,52 mm. Alt. vpo: 6.270 m. Reservado.

1. Jatobá-Tucano (Bacia Rio) Bahia-Foto-índice. I. Série.

10.6. Etiquetação

Etiquetar os envelopes e as tiras com o código da DSG, o nome da entidade executora, escala do foto-índice e escala da fotografia.

10.7. Arquivamento

Arquivar em mapotecas verticais a obra completa (sem se preocupar com o paralelo 14, quando se tratar das obras da USAF) em ordem numérica crescente.

NOTA: Quando os foto-índices forem em negativos, arquivar dentro de envelopes pardos, com as bordas dobradas e presas em tiras de mapotecas suspensas.

10.8. Os foto-índices das demais entidades executoras serão arquivados por ordem alfabética de entidade, em mapotecas verticais, em ordem numérica crescente de obra, ordem numérica de CIM/COC, dentro da obra.

NOTA: Os foto-índices fora do tamanho-padrão deverão ser arquivados em mapotecas horizontais ou verticais, separados, utilizando-se o mesmo padrão descrito: alfabética de entidade, numérica crescente de obra e numérica da CIM dentro da obra, etc. Apenas para não atrapalhar o arquivamento e manuseio dos demais.

10.9. Catálogos

10.9.1. Os catálogos podem ser:

10.9.2. Por entidades - arquivar em ordem alfabética. Ex.: Brasil, SUDENE, Secretaria de Saneamento e Recursos Hídricos. (Ficha modelo 10.5).

10.9.3. Por obra - arquivar em ordem alfabética. Ex.:

1940 PROSPEC
 Obra 428 Esc. Foto-Índice: 1:000.000 Esc. Fotog:
 1:25.000 1971

 Coord. do Foto-Índice: 47°30'W 49°00'W 12°45'S
 13°00'S.

11. FOTOGRAFIAS AÉREAS

11.1. Processos técnicos

11.2. Separar as obras da USAF das demais

11.3. Obras da USAF - separar a obra 63-32 (abaixo do paralelo 14) da 63-32A (acima do paralelo 14).

11.4. Arquivar em caixas apropriadas de cartolina em ordem numérica seqüencial. 500 em cada caixa, separadas de 100 em 100, por fichas-guias (para facilitar a busca).

- 11.5. Colar bolso na lateral da caixa com indicação dos números das fotografias, Ex.: 1 a 500; nome e nº da obra Ex.: escala da fotografia; ano de execução. Uma ficha de conteúdo com o conteúdo da caixa, o número das fotografias e o nº de fotografias sigilosas contidas. Ex.: fot. nº 1, fot. nº 3; fot. nº 5, etc.; e outras de empréstimo.

NOTA: O fato de constar na etiqueta de 1 a 500, não significa que estejam todos esses números na caixa. A ficha de conteúdo é que vai dizer.

MODELO DE BOLSO

ÓRGÃO:	
OBRA:	ANO:
ESCALA:	
FOTOG:	
	
- MAPOTECA -	

11.6. Fotografias aéreas em negativo ou diafilme, colocar em envelopes de seda uma a uma, antes de inserir na caixa (colocar sílica-gel em saquinhos de morim para reduzir a umidade).

11.7. Obras diversas

11.7.1. Separar as obras da FAB em ordem numérica de obra.

Ex.: obra 01 FAB/IBGE - 78

02 FAB/SEPLAN, etc.

11.7.2. Arquivar em caixa por ordem numérica crescente das obras dentro de cada empresa por ordem numérica crescente de fotografias.

11.8. Separar as obras da CRUZEIRO, GEOFOTO, LASA, PROSPEC, AERODATA, CPRM/DNPM, etc. por ordem alfabética de empresa, ordem numérica do código de cada obra das empresas e numérica de nº da fotografia, dentro de cada obra, dentro da empresa.

NOTA: Separar as fotografias de acordo com as áreas sigilosas do EMFA Portaria nº 10* em pastas suspensas, em arquivos de aço verticais, chaveados, com organização idêntica à das fotografias ostensivas, ou seja: ordem alfabética de empresa, ordem numérica do código de cada obra das empresas e numérica de nº da fotografia dentro de cada obra, dentro da empresa (opcional).

* A portaria nº 10 do EMFA está sendo revogada pela portaria 3.783 FA-51 de 25.10.77, que será complementada pela portaria 4.172 FA-51 de 3.12.80.

12. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- CASTOS, Z.P.S. de M. *Organização de mapotecas*. Rio de Janeiro, BNG/Brasilart, 1978. 115 p.
- BOECKEL, D.L. *A organização de mapotecas temáticas epla C.P.R.M. s.l., s.d.*, 1979. 8 p. Trabalho apresentado no 4º Congresso Brasileiro de Arquivologia.
- HOGGS, S.W. & LEWIS, D.C. *The classification and cataloging of maps and atlases*. New York, Special Libraries Association. 1945. 174 p.
- BRASIL. Ministério do Exército. Diretoria do Serviço Geográfico. *Catálogo de cartas e publicações*. Rio de Janeiro, 1965. 104 p.
- CARVALHO, F.R. de. *Articulação sistemática de folhas de cartas projeção TM (Conforme de Gauss)*. In: ENCONTRO DE ENGENHEIROS CARTÓGRAFOS, 1., São José dos Campos, 1974. 42 p.
- CARVALHO, F.R. de. *Coordenação cartográfica; algumas considerações*. Rio de Janeiro, SBC/ABEC/ANEA, 1976. 17 p. Trabalho apresentado no II ENECART-II ENCART-I EMPRECART.
- KOBOLD, F. & KASPER, H. *Conferência pronunciada nas Nações Unidas sobre a aplicação da ciência e da técnica no interesse das regiões em desenvolvimento*. s.l., s.ed., 1967.
- MARCHESI, I.H. *Estudo preliminar para elaboração de um sistema nacional de informações cartográficas*. Rio de Janeiro, Instituto Militar de Engenharia, 1977. 57 p.
- VELLOSO, F. de C. *O estado da arte de informação cartográfica, a partir da análise de artigo de Donald A. Wise*. R. bras. cart., Belo Horizonte, 7(20):7-12, 1978.

Composição: Marenny Guerra de Oliveira

Capa: André Luiz A.N. Carreira (desenho sobre o original)

Diagramação: J. Edgar de O. Barreiros